

Dois dias ...

CIDADE DE ESPOSENDE, PASSOS DA SUA HISTÓRIA

(Percurso Pedonal pela cidade de Esposende, de dificuldade baixa e com uma distancia aproximada de 4 km)

Cidade de Esposende

A elevação de Esposende a Vila remonta a 19 de Agosto de 1572, durante o reinado de D. Sebastião (1554-1578). Em 16 de Dezembro de 1886 adquiriu a categoria de julgado Municipal e em 27 de Outubro de 1898 a de Comarca Municipal. Foi após o período áureo da arte de marear, decorrido entre as centúrias de XIV e de XV, que Esposende conheceu o auge – entre os séculos XVI e XVIII – através do comércio marítimo e da construção naval.

Neste percurso pedonal pela cidade de Esposende, ficará a conhecer a sala de visitas do concelho de Esposende.

Este roteiro tem início no Largo Dr. Fonseca Lima, com uma visita ao Museu Municipal de Esposende que está instalado num edifício dos princípios do século XX, à época o Teatro-Club de Esposende, que saiu do traço do arquitecto Ventura Terra. Na década de 1990 a edilidade decidiu a sua adaptação a Museu Municipal, tendo inaugurado em 1993, sob traço de Bernardo Ferrão, arquitecto da denominada Escola do Porto. O Museu de Esposende reflecte a terra onde foi criado. No rés-do-chão encontra-se a Sala dos Azulejos, destinada a exposições temporárias. Nas suas duas áreas de exposições permanentes, no 1º e 2º andares, o Museu dá a conhecer a cultura e o património locais, promovendo os aspectos patrimoniais mais relevantes da região. Uma das áreas é dedicada especialmente à etnografia da região, enquanto a outra aponta os principais momentos da ocupação humana do território.

Ainda no Largo Dr. Fonseca Lima o busto de Henrique Medina, nome que está associado a Esposende em função das estadias do artista na aldeia de Goios, Marinhas.

O legado deste reconhecido pintor é grande, tendo materializado-se em Esposende na instalação e organização de um Atelier-Museu, em Góios, local onde fixara residência desde 1974 e acabaria por falecer aos 87 anos de idade.

No Largo Comandante Carlos de Oliveira Martins, fronteiro ao Dr. Fonseca Lima, a pequena capela do Senhor dos Aflitos tem uma curiosa origem.

Os pescadores de Esposende aqui erigiram uma cruz de pedra, onde pintaram uma figura de Jesus Cristo, chamando-lhe Senhor dos Aflitos, numa evocação clara dos medos que as lides do mar e da pesca lhes traziam. Nessa mesma cruz, mais tarde, foi construído um pequeno nicho e, posteriormente, em 1880, transferida para a actual localização. Em 1969 fez-se remodelação, apenas se conservando a fachada da anterior edificação e o primitivo cruzeiro pintado. A actual capela tem uma planta rectangular, com a fachada voltada a poente. A

frontaria ostenta um frontão triangular, encimado por uma cruz trilobada assente num plinto. Os pináculos laterais são de base rectangular.

Após estas visitas, deslocando-nos através da Rua Barão de Esposende e do Largo Marquês do Pombal, chegamos a um outro largo, o do Pelourinho.

O pelourinho de Esposende terá tido lugar defronte da Câmara Municipal, até 1925, quando o estado de degradação em que se encontrava obrigou a que fosse reconstruído no local onde o pode agora observar. Trata-se de um interessante exemplar deste símbolo do poder concelhio. Sobre a tradicional base, neste caso de três degraus, assenta o plinto com faces tipo almofada. O fuste – a coluna – é oitavado e encimado por um capitel com motivos vegetais e uma cruz de Cristo. No topo pode observar uma esfera armilar, símbolo das navegações portuguesas de quinhentos.

Através da rua Narciso Ferreira, alcança-se o Largo Sacadura Cabral, local onde se implanta o edifício do antigo Grémio da Lavoura de Esposende. Esta casa datada do séc. XVIII, hoje em ruína, apresenta na sua fachada elementos compositivos de remate em cantaria bastante cuidados – cunhais, cornija e envasamento.

Da rua Dr. José Manuel Oliveira chega-se à Biblioteca Municipal.

Tendo como suporte físico a denominada Casa do Arco, a Biblioteca Municipal ocupa um conjunto de outros dois edifícios datáveis dos séculos XVI e XVIII. Aqui se guarda para consulta todo o acervo documental acerca da história e tradição deste concelho.

Quem ascende pela Rua da Senhora da Saúde, desde a Praça do Município, e ultrapassa a estrada Porto-Viana do Castelo (EN 13), repara num souto arborizado onde se implanta a Capela da Senhora da Saúde.

A actual capela de N.^a Senhora da Saúde não foi sempre conhecida por este nome. Uma tal designação é, até, muito recente. Na sua origem foi dedicada a S. Sebastião, sob cujo título fora designada durante vários séculos. A capela original dataria de meados do século XVI, mas a actual é de finais do século XVIII. A frontaria é muito singela, simétrica e o branco da fachada contrasta com a cinza do granito das molduras e ângulos. Este pequeno santuário mariano consta de capela-mor, nave, coro e sacristia e é envolvido por um amplo adro vedado por um muro granítico e ponteadado de frondosos plátanos.

Voltando ao centro da cidade através da rua da Senhora da Saúde, eis a Praça do Município.

A igreja da Misericórdia faz parte de um complexo de edifícios que inclui também a Casa da Misericórdia, cuja confraria foi instituída em 1595. O templo actual data de 1893, conforme uma inscrição existente no seu interior. No interior da Igreja da Misericórdia, está construída a Capela do Senhor dos Mareantes. Trata-se de uma Capela de características excepcionais, classificada como Monumento Nacional. Vale a pena deter o olhar na magnífica

talha dourada, de uma iconografia riquíssima. Repare também nos nichos que ladeiam o altar-mor, com passagens da vida de Cristo (Cristo e Zaqueu e Cristo e a Samaritana). Não deixe de admirar o tecto, em caixotões de talha polícroma, onde estão representados os doze profetas Messiânicos. Estão dispostos em três séries, em grupos de quatro. Tente identifica-los: Oseias, Joel, Amos e Miqueias; depois, Isaías, Nahum, Jeremias e Ezequiel; finalmente, Daniel, Ageu, Zacarias e Malaquias. Este tecto é de facto de uma riqueza e de uma beleza extraordinárias, e é fácil compreender porque é considerada esta capela a jóia da arquitectura religiosa de Esposende

Numa das extremidades desta praça, poderemos apreciar o busto do poeta António Correia de Oliveira, da Casa de Belinho, em Antas.

António Correia de Oliveira é natural de São Pedro do Sul, onde nasceu no ano de 1879. Estudou no seminário de Viseu, depois da perda prematura de seu pai, com a idade de 12 anos. Aos 19 anos saiu de sua terra natal tendo ido trabalhar para Lisboa como jornalista do “Diário Ilustrado”. A sua carreira nas letras foi precoce, tendo sido nomeado aos 23 anos sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e aos 24 sócio estrangeiro da Academia Brasileira de Letras. Trindade Coelho, nas páginas do jornal “O Repórter” dele diria ser “um dos maiores poetas de Portugal”. Ao longo da sua carreira literária abraçou o Saudosismo, ao lado de Teixeira de Pacoaes. Colaborou nas revistas “Águia”, “Atlântida”, “Ave Azul” e “Seara Nova”. Em 1912, por casamento com uma senhora de família proprietária em Belinho, veio viver para a Quinta das Rosas. Aí permaneceu até à morte, em 1960.

O edifício dos Paços do Concelho, de origem setecentista, sofreu remodelações ao longo dos anos que lhe conferiram o aspecto actual. A estrutura original é ainda completamente perceptível: trata-se de um edifício estruturado em dois andares, com uma escadaria de pedra de acesso. Na fachada principal, sobre a janela-varanda, ostenta as armas nacionais. Sobrepondo-se-lhes existe uma pequena torre sineira. A construção é feita em pedra e argamassa a que se sobrepõe pintura. As ombreiras e lintéis das portas e janelas são molduradas, bem como os cunhais e as pilastras, podendo observar-se a pedra granítica trabalhada em cantaria. A galeria térrea composta em arcaria que faz a ligação entre a rua 1.º de Dezembro e o Largo Fonseca Lima, é de apreciável valor.

Na rua 1º de Dezembro, também conhecida como “rua direita”, poderemos dar largas ao nosso espírito consumista e adquirir uma recordação numa das lojas da artéria comercial mais movimentada da cidade. Um verdadeiro centro comercial ao ar livre.

O Palacete de Valentim Ribeiro da Fonseca, na rua 1.º de Dezembro, trata-se de um edifício estilo Arte Nova, mandado construir no início do século XX, por Valentim Ribeiro da Fonseca. Este ilustre esposendense nasceu na freguesia de Palmeira de Faro, deste concelho, no longínquo ano de 1856. Cedo emigrou para o Brasil, onde conseguiu uma grande fortuna. Nunca esqueceu a sua terra natal e aqui teve um papel importante, tendo o seu nome ligado à construção

do Teatro-Club e ao Hospital. Estes dois edifícios, juntamente com a sua casa de habitação são hoje património de inegável valor pelo facto de terem, todos eles, o traço do grande arquitecto português Miguel Ventura Terra. Valentim Ribeiro da Fonseca “pertenceu a uma plêiade, já quase extinta, de esposendenses extremamente amigos da sua terra, a ela deixou fortemente vincado o seu nome por actos que o enobrecem e glorificam para todo o sempre”.

Após a rua “Direita”, já no Largo Rodrigues Sampaio, é a morada da actual Igreja Matriz.

A igreja matriz é um edifício de meados do século XVI, como muitos dos monumentos de Esposende. Sofreu já alterações e restauros posteriores, mas o conjunto denota claramente a sua origem cronológica. Trata-se de um templo de planta rectangular, com a fachada principal voltada a poente como é uso nas igrejas cristãs. Esta fachada evidencia traços neoclássicos. Repare nos frontões sobre a porta e entre as duas torres, simétricas. De admirar também as gárgulas, que coroam os ângulos das torres. No interior destaque para os ricos altares em talha dourada e as imagens de arte sacra e o órgão de tubos, uma imponente peça.

Neste Largo Rodrigues Sampaio, detemo-nos para apreciar a estátua a António Rodrigues de Sampaio, nascido em Mar, em inícios do séc. XIX. Estudou Direito, trabalhou como jornalista, envolveu-se em projectos de imprensa política clandestina, combateu pela causa liberal. Com a vitória dessa causa, Rodrigues Sampaio foi deputado, conselheiro do tribunal de contas, vereador, ministro, par do Reino e até Presidente do Conselho de Ministros. A sua bandeira foi sempre a monarquia constitucional. Veio a falecer em Sintra, com 75 anos, em 1882.

Ainda no mesmo largo, no topo poente, o Monumento ao Homem do Mar de Esposende é uma sentida homenagem e simboliza o esforço das populações que do mar tiraram sustento e também daquelas que construíram as embarcações necessárias à faina marítima. Nas comemorações dos 500 anos das descobertas marítimas, a Câmara Municipal decidiu erigir este monumento. Da autoria dos Irmãos Bom Pastor, este monumento foi inaugurado em Dezembro de 1997. É composto por cinco figuras – quatro de homens e uma de mulher – e uma quilha de embarcação.

Daqui, um pequeno “pulo” até às Piscinas Foz do Cávado, junto à margem direita deste rio, em frente ao Posto de Turismo e nas imediações do futuro Museu Marítimo de Esposende.

As Piscinas Foz do Cávado encontram-se integradas num complexo de lazer, na cidade de Esposende entre a marginal e a margem direita do rio Cávado. Empreendimento inovador que prima pela segurança e pela qualidade dos serviços que oferece, este complexo municipal é composto por uma piscina interior de água doce com ondas e hidromassagem; por um outro tanque exterior de água salgada; um clube de saúde composto por uma sauna seca e

outra húmida e ginásio; para além de uma área comercial com áreas de restauração, cafetaria e outros espaços.

Na Praça D. Sebastião, frente às Piscinas Foz do Cavado, a estátua de D. Sebastião.

A 19 de Agosto de 1572, o rei D. Sebastião concedeu foral à Vila de Esposende. Na comemoração do IV centenário desse momento tão significativo para Esposende, a Câmara Municipal decidiu erigir um monumento em memória do monarca, na praça de seu nome. A estátua foi oferta da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais do Ministério das Obras Públicas, tendo a Câmara Municipal tomado o encargo do arranjo da Praça. A inauguração desta peça de Lagoa Henriques, executada na Fundação Bronzes Artísticos, ocorreu em 1973.

Pela Av. Eng. Arantes de Oliveira, após o Mercado Municipal para norte, através da rua da Frita encontra-se a Capela de São João Baptista, em rua com a mesma designação.

Esta pequena capela está hoje dentro da malha urbana de Esposende. Mas nem sempre assim foi... quando Esposende ainda não tinha a dimensão que hoje lhe conhecemos, a capela estava frente ao Cavado. E o rio estava também menos humanizado, subindo as suas águas por vezes até bem perto do pequeno templo. A capela data da segunda metade do século XVII, bem como o interessante cruzeiro que podemos encontrar bem perto.

No final da rua de São João, a norte, através da Avenida Rocha Gonçalves, quem desejar pode observar o Hospital Valentim Ribeiro da Fonseca.

O edifício deste Hospital saiu do risco do Arquitecto Ventura Terra, nos inícios do século XX, ainda sob o regime monárquico. Se observar com atenção a platibanda que encima a fachada principal, encontrará um brasão de armas nacionais... originalmente aí estava a coroa real representada; mas com a revolução republicana, a coroa foi removida e colocada em seu lugar uma esfera armilar. Na Fachada principal destaca-se o corpo médio, de maior nobreza, ladeado por duas áleas que ligam os corpos laterais, a uma cota idêntica à do corpo central. Na frente, um jardim geométrico que contribui para a sensação geral de ordem e harmonia. Este hospital recebeu, à época da sua fundação, os maiores elogios: um edifício arejado, largo de espaços, funcionais e de grande qualidade na construção. Aliás, na linha exacta do que se entendia dever ser um hospital, à época.

Prossigamos o percurso, através da Marginal (Av. Eng. Arantes de Oliveira), à margem do estuário do Cávado, com uma esplêndida vista sobre as suas águas, até à Praça das Lampreias

O forte de S. João Baptista ergue-se junto à foz do Cavado, no limiar do rio e do mar. É um edifício de origens seiscentistas, mandado erigir por D. Pedro II, mas que viu a sua construção prologar-se pela centúria seguinte. Como era comum às fortalezas da época, a planta é em forma de estrela. Neste caso, de

cinco pontas, encimadas por guaritas. Os ângulos das paredes pretendiam evitar o tiro directo de peças de artilharia atacante sobre as muralhas, reduzindo, dessa forma, o risco de danos sérios. Também como é comum a outras fortalezas coevas, este forte estava armado com uma bateria de artilharia. Podia, assim, proteger Esposende e defender a entrada no Cavado. A sua construção é de granito, pedra da região, resistente e facilmente disponível. Ao longo da sua existência o forte de S. João Baptista viu-se por vezes ameaçado pelo avanço das areias. Mas foram os homens os seus principais destruidores. Foi parcialmente desmantelado aquando da instalação do farol e também quando decorreram as obras de enrocamento da barra do Cávado.

Rio Cávado

A reunião do rio Cavado como Mar é um espectáculo que merece algum tempo de observação e de enlevo...

O Rio vai-se espraçando no estuário, numa curva lenta em direcção ao Atlântico. Está protegido a poente pelo Ofir e a nascente pelas terras de Esposende. Aquela fita de água dirige-se ininterruptamente para o seu final, mergulhando nas águas do grande Oceano.

Mesmo no final do estuário do Cavado há bons locais para admirar esta paisagem de uma beleza inconfundível: um bar, com a sua esplanada, ou um passeio pela marginal, arranjada para isso mesmo, onde o deambular de bicicleta ou a pé apetece, nos fins-de-tarde cálidos de Verão, ou num dia mais agreste de Outono...

A morte da água

Um dos passeios que mais gosto de dar é ir a Esposende ver desaguar o Cávado. Existe lá um bar apropriado para isso. Um rio é a infância da água. As margens, o leito, tudo a protege. Na foz é que há a aventura do mar largo. Acabou-se qualquer possível árvore genealógica, visível no anel do dedo. Acabou-se mesmo qualquer passado.

É o convívio com a distância, com o incomensurável. É o anonimato. E a todo o momento há água que se lança nessa aventura. Adeus margens verdejantes, adeus pontes, adeus peixes conhecidos. Agora é o mar salgado, a aventura sem retorno, nem mesmo na maré-cheia. E é em Esposende que eu gosto de assistir, durante horas, a troco de uma imperial, à morte de um rio que envelheceu a romper pedras e plantas, que lutou, que torneou obstáculos. Impossível voltar atrás. Agora é a morte. Ou a vida.

Ruy Belo, *in Obra poética*, I, 1984, p.182

VILA DE FÃO, PASSOS DA SUA HISTÓRIA

(Percurso Pedonal pela vila de Fão, de dificuldade baixa e com uma distancia aproximada de 2 km)

Em Fão, antigo centro salineiro da Idade Média, destaque para a sua zona histórica.

Na antiga estrutura urbana da vila, na margem esquerda do Cávado, quando calcorreamos as suas ruas, é fácil de constatar a grande influência que a cultura brasileira operou nos inícios do séc. XX, através do gosto brasileiro dos ricos “torna-viagem” que mandaram erigir notáveis residências. Estas marcas estão bem patentes, por exemplo, no actual Largo do Cortinhal, na imponente residência de Pinto de Campos, comandante da Marinha Mercante, assim como no topo Sul da Alameda do Bom Jesus. É neste espaço que Francisco de Campos Morais, fundador da casa Campos Morais & C.a, na cidade de Rio Grande do Sul, implanta o seu ‘palacete’, recriando um ambiente tipicamente brasileiro.

A igreja paroquial de Fão, na R. Prior Gonçalo Viana, sob a invocação de S. Paio, é um templo de edificação entre os séculos XVII e XIX, que sofreu alguns estragos motivados pelas intempéries. Em 1838 a invasão das areias obrigou ao arranjo do telhado. No interior, na capela-mor, encontrará os vestígios mais antigos deste edifício: duas portas, uma delas ostentando a data de 1673. O resto do edifício é bem posterior, com sucessivas remodelações ao longo do século XIX. Quase no final do século, em 1893, foi erigida a torre. A fachada mostra um gosto oitocentista típico, com o seu ar sóbrio e o frontão simples mas elegante. Também os pináculos que ornamentam esta fachada são claramente de oitocentos.

Na Av. Dr. Manoel Paes situa-se a Igreja da Misericórdia de traça Renascentista. O edifício de finais do século XVI, apresenta um frontão, no interior do qual está um nicho, com concha decorada, abrigo de uma Nossa Senhora, que parece datar do século XVIII. Logo do exterior é possível adivinhar-lhe a estrutura: uma só nave, com uma torre sineira adossada na fachada poente. Sobre a porta e sobre a fachada principal os frontões marcam o ritmo e a ornamentação deste templo, em que o branco das paredes contrasta com os granitos dos ângulos e das molduras de portas e janelas. No interior a única nave da igreja conduz o olhar do visitante para o altar-mor, numa cabeceira de planta rectangular e cobertura em abóbada de madeira. A talha dourada pontua nos locais costumeiros. Note-se a decoração do arco triunfante e dos pequenos nichos que o ladeiam.

Ainda na zona mais antiga da vila Fão, num edifício que data dos meados do século XX, encontrará o Museu d'Arte. O Museu, aberto ao público desde 2004, apresenta ao público exposições temporárias, ou de média/longa duração, com a intenção de promover o património cultural do Concelho. A forte componente de serviço educativo destina-se principalmente aos jovens em idade escolar. O visitante encontrará um Museu diferente se aí se deslocar de Verão ou de Inverno: no início da época estival, o Museu aposta na inauguração de uma importante exposição temporária, que agrada a todos os visitantes e veraneantes; durante o resto do ano, o Museu volta-se com mais

afinco para a comunidade estudantil local, oferecendo aos jovens um diversificado rol de actividades relacionadas com a Arte.

Próximo da EN 13, ligeiramente periférico ao centro da vila, vale a pena procurar a Igreja do Bom Jesus de Fão, no denominado de Largo do Bom Jesus.

A igreja é um edifício dos inícios do século XVIII, como bem mostra o seu estilo, típico dos santuários de peregrinação. A fachada principal está voltada a norte; do lado sul, existe uma torre provida de gárgulas e coroada de pináculos. Sobre a porta principal, um frontão quebrado, encimado por uma rosácea elipsoidal. Este templo foi acarinhado e beneficiado pela família real portuguesa, na pessoa do rei D. Luís I. Por esse facto ostenta na fachada as armas reais portuguesas. O interior é em forma de cruz latina com abóbadas de pedra e paredes forradas a azulejo. No altar-mor encontra a figura do Senhor dos Passos, localmente referido como “Senhor de Fão”.

A caminho para Ofir, poderemos visitar o Cemitério Medieval das Barreiras, um dos testemunhos de localização da comunidade medieval na vila de Fão.

Este cemitério é dos mais significativos monumentos deste tipo em toda a Península Ibérica. O número de sepulturas que foi possível identificar ascende a cerca de duas centenas e as datações oscilam entre os séculos XI e XIV. Os últimos enterramentos realizados neste cemitério terão sido contemporâneos da Peste Negra que devastou as populações europeias... calculam-se níveis de mortalidade por toda a Europa que terão atingido metade ou até dois terços da população, deixando lugares, vilas e cidades quase despovoados.

No lugar da Bonança, entre dunas e pinhal, situa-se o Facho e Capela da Bonança.

O Facho da Senhora da Bonança funcionou como farol para os navegantes até que novas dunas se formaram entre a sua localização e a costa, tornando-o inútil. Mas enquanto funcionou, ajudou muitos mareantes a fugir dos perigosos “Cavalos de Fão” que espreitavam qualquer barco desatento ou de piloto inexperiente destas águas. É um edifício do século XVI, construído em cantaria. No seu topo, a luz funcionava como um farol e ajudava os marinheiros a evitar os perigos, assinalando também um ponto de referência para a entrada do porto. Foi abandonado em 1834 e terá ainda servido posteriormente como presídio.

Muito perto encontramos a Capela da Senhora da Bonança, onde os homens do mar vêm pedir protecção para a actividade piscatória e as viagens marítimas. Essas preces tomam geralmente a forma de siglas, que são testemunhos de heráldica popular, ou de Ex-Votos, obras de arte de uma ingenuidade tocante pela beleza e pelas emoções que nos permitem adivinhar.

Prosseguindo um pouco para norte, através da EM 501, em paralelo, se chega a Ofir, estância turística de veraneio mundialmente conhecida, com a sua extensa praia areias finas contornadas por dunas com vegetação rasteira.

A praia de Ofir é uma beleza! A areia é finíssima, a exposição solar não podia ser melhor, as dunas são um convite a perder de vista...

E o pinhal de Ofir também não desaponta! Os grandes pinheiros mansos dão uma sombra bem-vinda nas horas de maior calor, e o ondular suave das dunas monta um pinhal que sem ser monótono, convida à tranquilidade...

Mas Ofir também é animação: os bares, os hotéis, as discotecas, o frenesim dos agitados dias e noites de Verão fazem desta uma das zonas mais procuradas da região.

De Inverno, a paz instala-se... mas nos dias ensolarados e frios, quando o Atlântico não se lança furiosamente contra as dunas, um longo passeio pela praia pode ser uma maravilha também.

Ao longe, no mar, os lendários Cavalos de Fão (rochas). Segundo reza a lenda, junto à costa de Ofir atracavam em tempos remotos os navios do grande Rei Salomão, que vinham na demanda do ouro. E muito ouro carregaram nestas paragens os servos desse Rei. Certo dia Salomão, que queria agradecer aos habitantes destas terras o muito que deles recebera, mandou que carregassem nos seus navios maravilhosos cavalos, que enviaria como oferenda para Ofir. Já perto da costa, uma repentina volta do tempo, com vagas grandiosas e rugidos de vento como só o Atlântico é capaz de produzir, fez afundar os navios e com eles os cavalos... mas os duendes, que rondavam a praia, petrificaram os cavalos, transformando-os nos rochedos que em dias de bonança vemos à tona d'água, e que em dias de tempestade se transformam em leques de espuma branca, dia e noite, fustigados pelas águas do Oceano. E, pela obra dos tais duendes, lá ficaram para sempre os cavalos, semi-submersos, espiando perfidamente algum navio que por piloto descuidado ou marinhagem inexperiente se aproxime demasiadamente destas costas... e já muitos aqui naufragaram, esfacelados nos "Cavalos de Fão"...

Voltando para trás (poente), através da Av. da Praia ou Raul de Sousa Martins, regressemos à Vila de Fão. Retomemos agora a viatura para uma visita a outros locais emblemáticos do concelho de Esposende.

Apúlia

Os antigos moinhos de vento e as “arrecadações” em xisto, hoje habitações de veraneio, anunciam a praia de Apúlia com “A areia fôfa, o mar sereno, as ondas cariciosas, a planície coberta de milharaes (...)”, como refere José Augusto Vieira no seu Minho Pitoresco. A praia da Apúlia, hoje, é conhecida principalmente como zona de veraneio. No entanto a baía, dadas as suas boas condições naturais, foi usada desde a presença romana na Península, como local de carga de mercadorias. Várias referências medievais surgem na documentação, provando a importância agrícola desta região. Quando as deslocções a banhos, para as praias, entraram nos hábitos quotidianos, a praia da Apúlia ganhou fama pelos elevados níveis de iodo registados. De todas as localidades próximas, Barcelos, Braga, Famalicão e Porto, os veraneantes passaram a procurar a Apúlia como destino de férias. Actualmente, por essa razão e pela excelência da baía, a praia da Apúlia continua convidativa para uma temporada de férias voltada ao Atlântico.

O mar foi sempre uma fonte de riqueza a explorar. Aqui na Apúlia, para além do sal e do pescado, a exploração do sargaço foi uma das actividades agro-marítimas de maior expressão. Testemunho de uma época em que a recolha desse produto era uma faina importante são as barracas, montadas directamente sobre a duna, e onde eram guardados os utensílios da apanha.

A referência mais antiga que se conhece a esta actividade data do século XIII, quando lavradores do interior se queixam de uma tentativa do arcebispo de Braga de os proibir de atravessar o couto da Apúlia para chegar ao mar. Mais tarde, pelo foral que deu à Póvoa de Varzim, D. Dinis reserva para os povoadores do lugar a recolha do sargaço da sua praia. E a actividade de recolha era de tal modo importante que a Igreja chegou a proibir que ela se realizasse em domingos e dias santos. Mas como explicar tal importância? O sargaço, recolhido de Junho em diante até ao final do ano, e seco ao sol, era empregue como fertilizante orgânico das terras. E numa economia agrária em que os fertilizantes químicos não eram conhecidos, este sargaço tornava-se de suprema importância para garantia de boas colheitas. Os sargaceiros recolhiam as algas, na borda da água, e formavam com elas montes ao longo da praia, para que pudessem secar ao sol. A paisagem e o cheiro destas praias, durante a época de recolha do sargaço, eram muito especiais...

Fonte Boa

A praia fluvial da Barca do Lago, em Fonte Boa, é a expressão do aproveitamento mais recente desta parte do rio. Antes de haver ligação rodoviária em ponte sobre o Cavado, era aqui que se atravessava o rio, numa barca onde, reza a tradição, se não pagava passagem – faziam-na os barqueiros “por Deus”. Mas hoje este “lago” do Cávado tem outras utilidades. A amenidade do local, a brandura das águas, a exposição solar, a fauna e a flora, tudo contribui para que este seja um dos sítios mais atractivos de todo o Concelho de Esposende. Quando o calor aperta, esta é uma praia que atrai muita gente, para gozar a fresca das margens, para um bom banho ou para a prática de desportos aquáticos, como a canoagem, por exemplo.

Rio Tinto

O rio Cavado, pouco a montante da sua foz, por meandros e baixios, deixava de ser navegável. Nos finais do século XVIII a rainha D. Maria I, aliás de acordo com outras decisões do mesmo tipo, aprovou obras de eliminação de um dos meandros do rio. Tais obras foram do agrado geral, uma vez que não só serviam à navegabilidade do rio como seriam também proveitosas para a agricultura do lugar. Um único senão... implicava a demolição de algumas azenhas, o que naturalmente desagradou aos locais. O muro fez-se, transformando o meandro do Cávado naquilo a que se passou a chamar localmente “o rio velho”. O muro, conhecido por “marachão” ou por “marachão do abade” por causa de ter sido posse do abade da freguesia de Fonte Boa, ficou pronto no ano de 1802. Apesar dos matos e da vegetação, ainda pode tentar seguir sobre este muro, percebendo o que era antigamente o leito do rio... mas verdadeiramente agradável é aproveitar a maravilhosa praia fluvial do Marachão, onde o verde da vegetação e o azul do céu espelhado nas águas calmas do Cavado o convidam a momentos sem igual.

Gandra

Apesar das grandes transformações que sofreu ao longo dos séculos, a igreja paroquial de Gandra ainda apresenta algumas características que parecem apontar para uma origem românica. O templo actual data do século XVII e é dedicado a S. Martinho. Trata-se de uma construção em alvenaria, sem reboco ou pintura. Do lado sul, no ângulo do corpo principal com uma das capelas laterais, está adossada a sacristia. Na empena norte está erigida a torre sineira. A fachada principal deixa ver uma rosácea quadrilobada que culmina em cruz. Também as capelas laterais ostentam rosáceas do mesmo tipo. No interior não deixe de admirar os alteres, em talha dourada do melhor barroco português.

Em face da igreja está o cruzeiro paroquial. A data de 1116 aparece inscrita no bloco da base. O fuste é uma coluna lisa no topo da qual assenta um capitel nervurado e uma cruz trilobada.

A fachada da capela de Nossa Sr^a de Guadalupe é austera, rasgada apenas por duas pequenas janelas e pela porta principal encimada por um óculo circular. O frontão triangular, com pináculos nos ângulos remata esta fachada, acentuando essa face de rigorismo oitocentista. Sobre a beirada sul há uma pequena sineira, esta de sabor renascentista. Do lado oposto, adossada a norte, foi erigida uma ampla sacristia. No interior vale a pena admirar os tectos estucados e o altar-mor, em gosto da Renascença, com a imagem setecentista de Nossa Senhora de Guadalupe ao centro.

Gemeses

O Cavado na Barca do Lago é largo... com águas tranquilas e espaiadas pelas margens baixas, parece um lago, realmente. Enquanto não se fez uma ponte sobre o rio, este era um dos melhores locais de passagem, desde os remotos tempos medievais em que peregrinos se deslocavam para Santiago de Compostela. Por isso a “barca”, que ligava as duas margens num vai-e-vem constante, conforme havia gente para atravessar. Em ambas as margens havia barqueiros, que atendiam aos pedidos dos viajantes, de qualquer condição social. Quando D. Manuel I foi em peregrinação a Compostela, passou nesta barca, que era a única forma razoável de atravessar o Cavado. Mas este “lago” não favorece a região apenas com um bom ponto de passagem do rio. As águas são férteis em peixes, e a pescaria sempre aqui foi abundante e proveitosa. As técnicas da pesca nesta zona do rio são muito diversificadas, conforme as espécies desejadas; das redes às canas há várias maneiras de aproveitar o que o rio oferece. E não esqueçamos a lampreia, tão apreciada... e tão exigente na arte de apanhar. O local é tão aprazível que as casas nobres aqui se fixaram. Havia residências de famílias brasonadas numa e noutra margem. Em redor do Lago havia actividade todo o ano. Mais recentemente, a Barca do Lago perdeu a sua função, quando a ponte transpôs o Cavado facilitando a passagem de pessoas e mercadorias. Mas ganhou outra atractividade, quando o lazer e os desportos náuticos passaram ao quotidiano de tantos de nós.

Na divisória entre a freguesia de Gemeses e Perelhal (concelho de Barcelos) na base do Monte de Arnelas, existe um local com uma vista panorâmica fabulosa sobre a freguesia, o curso médio do rio Cavado no concelho de Esposende e o seu litoral norte. Neste cabeço sobranceiro a Gemeses, vislumbra-se restos de uma mamoa e vários esteios, ruínas de um velho moinho de vento de estrutura circular, e escombros graníticos que, segundo a tradição oral popular, pertenceriam à “Capela Velha do Monte” e que nunca teria sido finalizada, bem como um monólito que marca a divisão entre as duas freguesias.

Palmeira de Faro

O Castro do Senhor dos Desamparados deve este curioso nome á sua utilização militar mais recente: durante as invasões francesas, nos inícios do século XIX, os habitantes das redondezas terão subido ao castro para aí oferecerem resistência aos invasores... numa alegoria ao que os vetustos construtores deste povoado terão feito aquando das invasões romanas. Este castro é uma excepção, relativamente às localizações dos outros povoados do mesmo tipo desta região: não está implantado num dos altos da arriba fóssil, essa linha de elevações que separa as planuras atlânticas do interior montanhoso. Como é excepção também uma estrutura de armazenamento, de planta ovalada, que foi recentemente descoberta durante uma campanha de escavações arqueológicas ali realizada.

A capela foi erigida no topo do castro, entre os anos de 1825 e 1826, em resposta a uma promessa feita aquando das invasões francesas. O templo está voltado a nascente, é de planta rectangular e foi todo edificado em pedra, incluindo a cobertura. Em 1976 sofreu obras de restauro.

No Lugar de Susão, a casa de Manuel de Boaventura escritor, natural de vila chã, nascido 1885. Estudou em Peniche e Leiria, tendo depois sido professor primário. Regressou á terra natal por inícios do século XX, onde se dedicou à actividade literária, produzindo alguns romances de renome. Depois da República foi perseguido e preso, em função das suas posições políticas. O seu grande interesse pela cultura popular fê-lo retratar como ninguém os modos de vida, usos e costumes das gentes de Esposende. Em 1916 publicou um famoso vocabulário minhoto que, entre outras obras, o colocam na ribalta da produção literária e cultural. Faleceu em 1973.

O Dólmen do Cimo de Vila, em Terroso, junto a um muro e dentro de uma propriedade, é um monumento megalítico constituído por restos de uma extensa mamoa de terra e por quatro grandes lajes graníticas: dois dos esteios revelaram vestígios de gravuras rupestres. Um outro fragmento, actualmente no Museu Municipal, mostrou restos de pintura de cor branca.

Do cabeço do Monte de Faro podemos avistar, a poente, toda a costa Atlântica entre a Póvoa de Varzim e Esposende. Mesmo em frente a antiga vila de Fão, Ofir e os seus petrificados "cavalos", a cidade de Esposende o estuário do Cavado e a Foz. Mas a paisagem a nascente também tem os seus encantos: por mais de três dezenas de quilómetros, se o tempo ajudar, distinguimos uma boa parte da topografia deste Minho, da Franqueira em Barcelos até ao Sameiro, já para os lados de Braga.

Curvos

No alto de Frossos, em Curvos, existe um local com uma vista surpreendente sobre esta freguesia, especialmente sobre a parte sul da mesma onde despontam os campos de cultivo, a igreja paroquial e o casario granítico que demarca os pequenos núcleos populacionais.

Vila Chã

O Castro de S. Lourenço foi edificado por povos da Idade do Ferro, no alto de uma das elevações da arriba fóssil – uma cadeia rochosa que se desenvolve paralelamente à linha da costa atlântica. O Castro conheceu a cristianização, como é habitual em monumentos desta natureza, com a edificação de uma capela na antiga acrópole – a capela de S. Lourenço. As antigas construções do povoado foram devastadas ao longo dos séculos, em larga parte da sua original extensão, fundamentalmente devido à recolha de pedra e a terraplanagens. Ainda assim, é possível ter uma ideia razoável de como seria o povoado aquando da sua edificação: era protegido por duas ordens de muralhas e as habitações originais seriam de planta sub-circular, ocupando as encostas em socacos firmados por muros de suporte. A romanização trouxe as casas de planta rectangular, a *tégula* (telha romana), as cerâmicas romanas produzidas em paragens longínquas e as moedas. Foi possível identificar um tesouro romano de dezanove moedas de prata da época republicana e uma moeda de Constantino, do século IV d.C. Este último achado prova a utilização do povoado numa data muito avançada, por meados do primeiro milénio.

Nas imediações do Castro São Lourenço não deixe de visitar a capela de São Lourenço e admirar a paisagem no miradouro.

A actual Capela de S. Lourenço, construída na década de 1940, substituiu um outro templo bem mais antigo, provavelmente datado dos séculos XV ou XVI. Este é um templo de organização simples, de planta rectangular, com fachada voltada a poente, com duas sacristias e uma torre sineira, na fachada ocidental.

São Lourenço nasceu em Espanha na cidade de Huesca, reino de Aragão, em meados do século III. Mais tarde fixou residência em Roma tendo as suas qualidades e virtudes, entre as quais se destacam a nobreza do seu coração e o seu grande amor a Jesus, atraído a atenção da Papa S. Sisto que o ordenou diácono e o nomeou arqui-diácono. As promessas que os devotos aqui vêm cumprir relacionam-se com males da cabeça, dos dentes e de ordem terapêutica. É da tradição que a gente que aqui aflui anualmente traga farnel e merenda nos pinhais que envolvem o recinto da festa.

O miradouro de São Lourenço é num dos pontos mais altos da arriba fóssil, essa linha de penedia que separa a planície litoral dos primeiros relevos mais a nascente. E este é um ponto privilegiado, uma vez que avistamos uma vastidão em redor! Para os lados do Mar, podemos alongar a vista até Esposende e Fão e, se apurarmos o olhar e a bruma atlântica não nos dificultar a visão, distinguimos os célebres “Cavalos de Fão”, aqueles rochedos sempre batidos pelas ondas, brancos de espuma quando o mar aperta. Se seguirmos o olhar para o interior, pela linha marcada pelo Cávado, percebemos a sua sinuosa e fértil passagem pelos campos a que dá vida e frescura. Lá muito ao longe, os moinhos de S. Félix. Mais perto de nós, um outro cabeço como aquele em que nos encontramos, o Monte Faro. Mas a paisagem a nascente também tem os seus encantos: por mais de três dezenas de quilómetros, se o tempo ajudar, distinguimos uma boa parte da topografia deste Minho, até ao Sameiro, já para os lados de Braga. E a norte, outro ponto alto, mais um promontório da arriba fóssil, o Monte do Facho.

A mamoa ou Dólmen da Portelagem é um dos monumentos do litoral norte português mais vezes referenciados na bibliografia especializada. Apresenta uma câmara funerária constituída por nove esteios graníticos e parte da laje de cobertura. Possui restos de um pequeno corredor rodeando as lajes da câmara

são visíveis as pequenas pedras do contraforte. Revelou ténues vestígios de insculpturas rupestres. Do seu espólio é de referir um vaso cerâmico mamilado, bem como pontas de seta e facas de sílex.

O dólmen de Rapido é um monumento megalítico funerário. Este monumento data do III milénio a.C. e foi edificado por povos que se dedicavam à pastorícia. Os dólmenes ou antas eram os locais de deposição dos mortos, pelo menos dos de posição social relevante.

A mamoa ou Dólmen do Rapido encontra-se junto da estrada camarária que liga esta freguesia à de S. Paio de Antas. Está inserido num conjunto megalítico formado por três mamoas. Trata-se de um monumento constituído por uma mamoa de terra cobrindo um dólmen, bem conservado, de reduzidas dimensões. É formado por uma pequena câmara funerária, definida por nove esteios, com um corredor, bastante baixo, que apresenta, ainda, duas das lajes de cobertura. Alguns dos seus esteios revelam vestígios de gravuras.

Forjães

O actual Centro Cultural de Forjães está instalado nas antigas Escolas Rodrigues de Faria. Decorria o ano de 1934 quando Rodrigues de Faria, emigrante no Brasil regressado com uma imensa fortuna, inaugurou uma obra a todos os títulos assinalável: as escolas primárias da sua terra natal. Rodrigues de Faria decidiu fazer o que de melhor havia à época em termos escolares. Antes de entrar no edifício, repare que é uma sólida construção granítica, com um aspecto sério e majestoso. No interior havia seis salas de aula, uma sala de visitas, um salão de festas e um recreio interior coberto, para os dias de chuva. No exterior foram construídos um ginásio e um amplo recinto murado destinado a recreio exterior. Mas o rico emigrante não se preocupou apenas com o aspecto e com a qualidade do edifício: dotou as suas escolas com todo o material pedagógico e didáctico que encontrou disponível. E, ainda insatisfeito, encomendou a Mestre Jorge Colaço painéis de azulejo para a decoração interior. Entrando no edifício e deambulando pelas suas salas, pode admirar os célebres painéis de azulejo que decoram as paredes. Estes painéis, encomendados por Rodrigues de Faria ao Mestre Jorge Colaço para a sua escola, estão na linha da tradição da azulejaria portuguesa. Os painéis maiores, medindo mais de 3 metros de altura por quase seis de comprimento, representam cenas da história de Portugal; os mais pequenos contêm citações de personalidades, consideradas de interesse para a formação dos jovens alunos. A temática dos grandes painéis foi buscada nos acontecimentos da história de Portugal que eram tidos por exemplares, dignos de nota na educação das crianças. Por ordem cronológica da história de Portugal, podemos admirar:

D. Afonso Henriques na Batalha de Ourique – que representa miticamente a fundação de Portugal

D. Nuno Álvares Pereira na Batalha de Aljubarrota – que representa o ímpeto de Nação independente face a Leão e Castela

O Infante D. Henrique na tomada de Ceuta – que representa o início da “Idade de Ouro” portuguesa, com a expansão territorial e marítima

O Adamastor – que representa a vitória portuguesa contra os perigos do Mar Oceano e a passagem para o Oriente

A visita de Vasco da Gama ao Samorim de Calecute – que representa o início das relações portuguesas com o Oriente

O descobrimento do Brasil – que representa outra e importante face da expansão Portuguesa

Pedro Álvares Cabral em 1500 – que representa outro dos heróis nacionais, descobridor do Brasil

Afonso de Albuquerque em Ormuz – que representa a forte, ainda que efémera, presença portuguesa no Oriente,

Nos pequenos painéis surgem citações de Bossuet, Tomás Ribeiro, Alexandre Herculano, Oliveira Salazar e Sidónio Pais.

Rodrigues de Faria, completada a obra, realizou uma doação, sem qualquer contrapartida, a favor do Estado Português, que passou a ser o legítimo proprietário das Escolas. O actual Centro Cultural, para além de acolher a Junta de Freguesia, dispõe de Biblioteca, Sala Multimédia, Auditório e Galeria/Cafetaria. No exterior, os jardins são um convite a um passeio. Faz

também parte do Centro Cultural de Forjães a Ludoteca Municipal de Esposende, um espaço destinado, antes de mais, ao jogo e ao divertimento.

No local, onde se implanta a igreja Paroquial Forjães, deverá ter existido uma igreja alto-medieval, uma vez que foi possível datar uma sepultura achada no local do século X ou XI. Mas o edifício actual é bem mais recente, do século XVIII. Como tanta e tantas igrejas portuguesas, tem altares em talha dourada. O templo actual é de planta em três naves, sustentadas por colunas cilíndricas encimadas por capitéis de tipo dórico. Em 1904 foi adossada ao lado norte da igreja uma sacristia de dois pisos. O interior da igreja é sóbrio. Admire o tríptico da autoria de Mendanha, sobre o imaginário de Santa Marinha e suas irmãs. A talha, embora não tenha a riqueza de outras igrejas da região, é também um interessante exemplar do estilo neo-clássico. No exterior existe um escadório historiado, construído nos anos 70 do séc. XX, onde se encontram representadas as nove Irmãs de Santa Marinha.

No lugar de Enfia, na denominada Bouça dos Marcos, encontra-se um conjunto de quatro marcos representando, respectivamente, a Casa de Bragança, A Comenda da Ordem de Cristo, um marco que delimita da linha divisória entre esta vila e São Romão de Neiva e um Menhir.

O Solar de Pregais é uma obra setecentista. O brasão de armas que ostenta e no detalhe da fachada com merlões são sinais evidentes de uma raiz de nobreza que era evidenciada nas produções arquitectónicas da época. O brasão é da família dos Carneiros, de Vila do Conde, que, em 1916, venderam a casa e a propriedade a Rodrigues de Faria. Trata-se de um edifício em forma de “L”, com uma capela adossada a Norte dedicada a Nossa Senhora da Abadia. O altar, em pedra pintada, merece bem uma visita.

As origens da Quinta de Curvos mantêm-se nas águas profundas do desconhecido, mas é provável que recue ao século XVI, época de constituição de muitos dos vínculos e casas nobres, que irão adquirir grande pujança nas centúrias subsequentes. Tendo passado pelas mãos de diversas personalidades, endinheiradas é certo, há que destacar um dos seus proprietários, o Sr. António Rodrigues de Faria, que a adquiriu nos inícios do século passado. A este emigrante brasileiro se deve a actual configuração da quinta, exceptuando um inestético edifício de características anglo-indianas, que destruiu em 1974, um palacete marcadamente romântico. Aquele retrata bem o gosto do proprietário de então, um súbdito inglês saudosos das antigas glórias do Império Britânico. Ficou, todavia, um maravilhoso enquadramento arquitectónico e paisagístico, traduzível nos grandiosos jardins bordados a arvoredos nacional e exótico, nos arruamentos e espaços de lazer, nos pequenos recantos compostos por lagos e grutas, nos canteiros e estufas dotadas com os mais diversos tipos de flores. Não podemos olvidar a quantidade de seres vivos que alberga, muitos deles alegrando as frescas manhãs de Inverno e as mornas tardes de Verão, com o seu chilrear. A tranquilidade invade o nosso espírito.

Antas

O muro e o portão da Casa de Belinho ostentam nobreza... apesar de na sua forma actual datarem da segunda metade do século XIX, esta propriedade tem raízes mais fundas, no século XVI, quando Paulo da Cunha Sottomayor casa com D. Grácia de Faria. O Portão central é encimado pelas armas da família... da mesma época datam os jardins de gosto e inspiração inglesa. O picadeiro, as cavalariças e estábulos e ainda os armazéns são também coevos desta grande reforma que a propriedade sofreu pelos anos de 1890. Só a ala norte é mais recente, já do século XX, mas edificada na traça do restante. Integrada na propriedade, a Capela de Nossa Senhora do Rosário é de traça quinhentista, mais precisamente da segunda metade do século. Desde a sua fundação foi aberta ao culto, datando a respectiva autorização para ser rezada Missa, de 1593. Ainda o exterior, repare que a Capela é composta por três elementos principais: o alpendre, o corpo central e a capela-mor. O alpendre tem imagem de nartéx, antiga ante-câmara das igrejas basilicais, embora o culto se tenha modificado e não mais se reserve este espaço aos catecúmenos. Antes serviria para reunir maior número de fiéis, como o púlpito granítico colocado no canto Sul parece sugerir. Como a Capela está edificada na encosta do monte, o corpo central está num nível ligeiramente superior ao do alpendre. A porta é emoldurada por arco de volta perfeita, tipicamente do século XVI.

No Minante o rio Neiva está represado por um açude de boas dimensões, formando um lago de águas calmas e puras. A paisagem é de um bucolismo que nos parece transportar para uma época diferente, longe da mecanização e do bulício quotidianos. A azenha, numa das margens, e a ponte granítica que une as duas margens, completam o cenário, dando um toque de naturalismo a um quadro que, pela profusão de cores e pelos matizes, bem poderia ter sido pintado por um impressionista. Este é um local ideal para passar um dia à beira d'água, desfrutando da pureza de um rio onde a poluição industrial, felizmente, ainda não chegou.

Na parede sul da igreja paroquial dedicada a S. Paio, existe uma lápide medieval epigrafada (IN ERA MCLXXXIII. X CALENDAS MAGII ABAS SAURIUS FUNDAVIT OPERA ISTA MER) relativa à fundação desta igreja e que, segundo a tradição popular, este local teria sido escolhido para erigir um mosteiro. Decorria o ano de 1145 quando o abade Soares terá fundado a Igreja desta matriz de Antas, contudo, a actual construção deste espaço sagrado deu-se entre 1879 e 1895. A fachada, voltada a ocidente, transpira ao gosto arquitectónico da época. A fonte de inspiração é o neo-barroco do fim da centúria, visível no granito agraciado com folhagens, panejamentos, argolas e anjos.

Ao fundo do adro e voltado à fachada da Igreja Paroquial de Antas, encontra-se o cruzeiro paroquial. Assente numa base com três degraus existe um plinto rectangular, decorado com os vários símbolos da Paixão e anjos com um cálice e uma flor, representados em alto-relevo. O fuste, encontra-se decorado em alto-relevo com videiras. A meio corpo domina uma imagem de Nossa Senhora a ser coroada por dois anjos. Por debaixo da Senhora, o ano da sua construção: 1898. A rematar o fuste, um capitel de tipo dórico encimado por uma base, profusamente decorada, onde assenta Cristo crucificado. Entre os diversos motivos decorativos, podem-se admirar algumas das passagens mais importantes da vida de Cristo.

O menir de S. Paio de Antas está erguido num pequeno outeiro, bem perto da igreja paroquial desta freguesia. Actualmente, o cenário em que este monumento megalítico nos aparece é certamente bem diferente daquele que os seus construtores conheceram... não temos nenhuma datação segura para este monumento, mas ele será com certeza coevo da transição do Neolítico para a Idade do Bronze do Noroeste Peninsular. A toponímia da freguesia é também sinal de que este menir não estaria só no território... antas, ou dólmenes, eram as construções megalíticas funerárias coevas dos menires. Neste caso, o megálito apresenta mais de um metro e meio fora do chão, tendo um diâmetro que não atinge meio metro. A sua forma é claramente fálica, acentuada pela ligeira inclinação com que foi firmado no terreno. O simbolismo associado a este tipo de monumento é em parte especulativo, mas parece aceitável relacionar os menires com cultos de fertilidade.

Em Guilheta, na direcção da Foz do Neiva, a Capela de Santa Tecla do século XIII. De arquitectura simples, localiza-se a capela de Santa Tecla na margem esquerda do rio Neiva enquadrada num airoso adro composto por bonitos plátanos, sendo uma das mais antigas do concelho de Esposende - existindo mesmo referências a esta velha ermida nas inquirições de 1220. Realizavam-se estas festividades no primeiro domingo de Agosto, no entanto, hoje em dia, têm lugar igualmente no primeiro domingo, mas de Setembro.

Nas imediações deste templo, na margem esquerda do rio Neiva, poderá observar um dos muitos açudes que serviam as azenhas, nas margens do rio Neiva.

Seguindo o curso deste fluvio, facilmente encontraremos a Foz do Neiva e uma das praias mais calmas e sossegadas do concelho

Belinho

O alto da Senhora da Guia é local privilegiado onde se pode admirar uma imensa extensão de costa atlântica, desde S. Bartolomeu do Mar até Viana do Castelo. Se voltarmos a nossa atenção para o interior, as elevações da Serra da Nogueira, do Monte Crasto e da Serra d'Arga fazem-nos perceber que estamos numa língua de terra agrícola, encaixada entre o mar e a arriba fóssil, a que se seguem os primeiros relevos de monta no sentido do interior do território. A paisagem agrícola desta região é marcada pelos campos de uma grande fertilidade, capazes de fazer crescer cereais e produtos hortícolas. Quase planos, espriados e protegidos dos ventos por sebes naturais ou feitas pelo homem, estes campos são ricos desde a Idade Média, e cobizados por todos. A estrutura de propriedade é complexa, encontrando-se situações em que as heranças sucessivas fazem do território uma manta de retalhos de propriedades. Os bosques de pequenas dimensões pontuam ainda a paisagem, deixados como reserva de mato, de caça e de protecção contra os ventos que por vezes fustigam esta terra quase plana. Lá ao longe podemos avistar o cordão de dunas, protecção natural destes campos agrícolas contra os ímpetos, por vezes violentos, do Atlântico. Olhando para norte podemos avistar o troço final do vale do Neiva, limite do Concelho de Esposende, e que contribui também para a frescura e fertilidade destas terras.

A actual capela Senhora da Guia, inaugurada a 19 de Maio de 1974, terá surgido de um pequeno nicho de outros tempos, e precedida de uma outra do século XVII que se encontrava um pouco ao lado da actual e que, por razões de conservação, terá sido demolida. De fachada voltada a poente, apresenta uma entrada ladeada por duas janelas rectangulares, dotadas com vitral de losango que, em parceria com um pequeno óculo central, permitem a invasão do espaço pela luz natural. A frontaria remata com plinto central de volutas, que sustenta uma cruz simples. Quatro pináculos repousam nos cantos da construção. No adro erguem-se, como que em admiração da orla costeira, dois imponentes pedestais, um com a imagem de S. Cristóvão ofertado, em 1980, pelos automobilistas de Belinho, outro com a figura de Nossa Senhora Rainha do Mundo, dada pelos emigrantes de Belinho. O lampião de azeite que se encontrava a poente, e que serviria em tempos de orientação para os homens do mar foi substituído por uma cruz luminosa. A imagem do Anjo da Guia com os três pastores – réplica de uma outra existente no Cabeço, em Fátima – foi inaugurada a 8 de Janeiro de 1997. A devoção a Nossa Senhora da Guia que se encontra generalizada por todo o país, detêm forte implantação na zona costeira fruto provavelmente da protecção dada aos navegantes. Este culto por parte de todos aqueles que andavam em viagem e não só, sofreu um enorme incremento com a Guerra do Ultramar e com o surto emigratório que atingiu, especialmente a região norte de Portugal continental. Em Belinho este apreço pela Senhora da Guia têm uma tradição longínqua e segundo reza a tradição, aquando das invasões de bárbaros e muçulmanos, os cristãos teriam-se refugiado neste monte trazendo consigo a imagem de Nossa Senhora que teria sido escondida no alvéolo de um penedo.

Nesta Capela existia um lampião de azeite, voltado a ocidente, que servia de farol aos navegantes que passavam ao largo da costa. Actualmente esse ponto de orientação tornou-se obsoleto, embora o topónimo se mantenha. A tradição oral atribui ao Monte da Senhora da Guia duas lendas curiosas. Numa delas se explica a existência das imagens da Santa, uma vez que durante as invasões

bárbaras e mais tarde muçulmanas este monte teria servido de refúgio às populações, que teriam trazido para sua protecção uma imagem de Nossa Senhora da Guia. Essa imagem teria sido resguardada num dos nichos das fragas... já na actualidade, por meados da década de 1970, a capela foi edificada, criando melhores condições de culto.

Mas uma outra lenda marca também este local:

Diz ainda a tradição oral que, na gruta do Monte Jóia, também conhecido por Monte Cabreiro, teria vivido um monge, no século XIX. Esse monge habitaria a gruta durante o verão, indo para Lisboa a vender cautelas de lotaria durante o Inverno... a gruta em causa é uma cavidade natural talhada na rocha, cuja entrada se encontra junto de um enorme penedo nas proximidades da Capela. A entrada é estreita e no interior podem-se observar três imagens de Nossa Senhora.

Mar

Se não visita esta praia no dia 24 de Agosto, então não faz ideia do que perde! Nesse dia dá-se a anual festa em honra de S. Bartolomeu, e, integrado nessa festa, o tradicional “Banho Santo”. A bem dizer, a festa começa dois dias antes, com a Feira do Linho. Hoje em dia, essa feira já vende de tudo, e pouco linho... mas ficou-lhe o nome. Mas ainda encontrará muito dos objectos tradicionais e artesanais, expostos e comerciados pelas bancas da feira. O dia seguinte é mais de arraial, à minhota, com a música, a festa, o fogo de artifício... um arraial que em pouco se distingue de outros desta região. Mas o dia 24, esse sim, é um dia especial! À missa segue-se a procissão de andores até à praia e a bênção das águas. E, ao longo de toda a jornada, o tradicional “Banho Santo”. O ritual mais antigo incluiria também o uso de água benta, num rochedo ou ribeiro desviado da Capela uns centos de metros, mas actualmente o “Banho Santo” é mesmo e só de água salgada, em plenas ondas atlânticas. Vão ao “Banho Santo” principalmente crianças de tenra idade. Nas mãos de um banheiro experiente nestas andanças, são mergulhadas nas águas, num ritual entre o profano e o cristão, que pretende purificar preventivamente por acção do Oceano. Depois do banho, há ainda que ir oferecer ao Santo um galo negro. Será difícil, num dia que não o da festa, imaginar o bulício, a algazarra infantil e a cacofonia galinácea que percorrem a praia e as ruas... ao fim do dia os galos são leiloados e o produto reverte para a própria festa. Se não veio a S. Bartolomeu num dia 24 de Agosto, marque na sua agenda, e venha para o ano... siga a quadra popular que diz

Meu amor pede ao teu pai
Que eu também peço ao meu
No dia 24 d'Agosto
Vamos a S. Bartolomeu

A igreja Velha de Mar foi, durante longos séculos, a igreja matriz da freguesia. Mas do templo primitivo, provavelmente uma pequena ermida, já só resta a memória documental. A igreja que actualmente existe datará da centúria de quinhentos, tendo sido ampliada volvidos duzentos anos e em função do crescimento da população da freguesia. Com a inauguração da actual igreja paroquial de S. Bartolomeu, a Igreja Velha foi sendo abandonada... por meados do século XX estava num terrível estado de desleixo e ruínas. Telhados tombados, silvados dentro e fora, arcos e paredes semi-derrubados... uma miséria. Mas os locais não se conformaram com esta situação e meteram mãos à obra. Em quatro anos a igreja reencontrou um aspecto decente. Foi reaberta ao culto a 23 de Agosto de 1954, e o pároco prometeu que uma vez por mês se rezaria missa nesta igreja. Mas a degradação voltou e, por finais do século, nova e funda intervenção foi necessária. Mas as marcas de um passado antigo permanecem e resistem a todas estas intervenções... Se tiver um pouco de tempo, procure nas pedras das paredes da igreja marcas de pedreiro. Vai ver que encontra algumas verdadeiramente interessantes.

O menir de S. Bartolomeu do Mar está erguido no meio de um campo de cultivo, nas imediações da igreja paroquial, certamente um ambiente muito diferente daquele que o rodeava quando foi fincado. Este menir tem mais de 2 metros de altura, a partir do solo, e apresenta gravuras que podem sugerir uma figura antropomórfica, mas muito incipiente. Os menires seriam monumentos megalíticos relacionados com cultos de fertilidade, ou marcações simbólicas de

territórios. A sua época, para esta região da Península Ibérica, data de finais do Neolítico até à Idade do Bronze. São, normalmente, coevos de outros monumentos megalíticos – as antas ou dólmenes – estes de cariz funerário. É interessante verificar que, não vai há muitos anos, a tradição popular da região afirmava ainda que o menir, ou “padrão”, como é conhecido, não poderia ser retirado do local onde se encontrava: ali estava, protegendo as terras, e, se fosse retirado, o mar invadiria os campos agora férteis, esterilizando-os para a agricultura.

Marinhas

A igreja matriz de Marinhas é um templo que aglomera uma miscelânea de estilos e de reconstruções. No alçado norte, encontra-se a parte mais antiga. Erguendo o olhar para o seu beiral verá a cachorrada de tradição românica, que dos finais da Idade Média ou do séc. XVI. Mas atenção, só nove é que são originais. Há que avançar um pouco no tempo para atingir o momento em que foi erigida a fachada setecentista. No entanto, esta foi substituída pela actual, nos anos 30 do século XX. Voltada a Oeste, ostenta uma torre sineira adossada à parte central, que lhe confere um ar pesado. A meia altura rasga-se um nicho que abriga S. Miguel. Sobre este, uma rosácea circular, suportada por duas pequenas janelas arqueadas, permitem o avanço da claridade para o interior. Contempla ainda um relógio em mármore e quatro badalantes sinos. Se entrar na igreja, vasculhe a colunata norte da nave sul, a talha do altar-mor e os caixotões da capela de Nossa Senhora de Fátima e descobrirá que se encontra na segunda metade do século XVIII.

Os moinhos de vento e azenhas da Abelheira são um testemunho da riqueza cerealífera desta região. São edifícios de corpo cilíndrico, construídos em granito e localizados na encosta do monte, onde os ventos predominantes podiam ser bem aproveitados. Para tal, o topo do moinho (chamado “capucha”) era móvel, podendo ser orientado pelo “rabo” do moinho – um leme que forçava a “capucha” a rodar conforme o vento – para aproveitar a orientação deste. As velas eram quatro e triangulares, fazendo rodar a engrenagem interior (constituída pela “entrosga” e “carrete”) que por sua vez fazia rodar a mó movente, também chamada “andadeira”. O seu movimento sobre a mó fixa – ou dormente – transformava o cereal em farinha. Todo este mecanismo estava montado no andar superior do moinho, a que se acedia por uma escada, estando o andar inferior destinado ao trabalho do cereal e da farinha.

Outra forma de reduzir o cereal a farinha utilizável na alimentação era o emprego da força hidráulica das ribeiras. É o caso da ribeira da Abelheira, onde muitas azenhas rodaram em tempos. Estas azenhas eram conhecidas por “copeiras”, ou “de montanha”, numa clara alusão ao seu mecanismo de aproveitamento da força das águas. No ribeiro de Peralta, aqui próximo, para além de azenhas era também aproveitada a corrente hidráulica para engenhos de serrar madeira.

No lugar de Góios, localiza-se o Atelier Museu de Henrique Medina. Este pintor nasceu na cidade do Porto em 18 de Agosto de 1901. Com a idade de 10 anos foi levado por sua avó à Escola de Belas Artes do Porto e, 7 anos mais tarde, apresentava já o retrato da pintora Teodora Andersen o que lhe valeu a «segunda medalha». Aos 19 anos foi a Paris expor os seus trabalhos em certames de arte da capital francesa, tendo aí ficado a residir e a estudar durante 2 anos. As férias eram passadas no lugar de Góios, freguesia de Marinhas, Esposende, espaço que adoptou para fixar residência a partir de 1974. Os seus quadros deixaram memórias por todo o mundo, falecendo o “mestre” Henrique Medina a 30 de Novembro de 1988, em Goios, com a bonita idade de 87 anos. Do seu vasto espólio de pintura, podemos encontrar quadros no seu Atelier – Museu e no Museu Medina, no Largo de Santiago, em Braga, para além das colecções particulares.